

Busca de sentido em tempos de angústia

Quatro questões prévias.

- 1.º Os tempos de hoje constroem mais o homem do que os tempos de ontem?
- 2.º Como e quando se desenvolveram os fenómenos responsáveis pelos eventuais constrangimentos?
- 3.º Quais as consequências para o homem, tendo em vista o seu equilíbrio somático, psíquico e social?
- 4.º Qual o lugar da esperança? A intuição, o afecto, o simbólico e a utopia na busca de sentido.

Ontem e hoje

Cada homem transporta consigo o livro do universo. Repete na sua história pessoal, no plano ontogenético, todas as páginas que à escala filogenética foram escritas pelo Criador. Cada humano guarda, portanto, na sua natureza, os arquétipos do sofrimento, porém transporta igualmente as armas para o seu combate. O sofrimento foi-se refinando, foi-se matizando de tons psicológicos, foi subindo, degrau a degrau, a longa escada antropológica, partindo da base vital até às alturas do espírito.

Pedras no caminho do seu desenvolvimento sempre o homem as teve. Constrangimentos e resistências ao livre curso da vida sempre foram condição necessária, em todo o caso não suficiente, para a afirmação de cada um na sua própria existência.

Desespero, tristeza e ansiedade sempre constituíram condição absolutamente necessária, mas não suficiente, para cada um, no reduto infinito da sua intimidade, poder experimentar o perfume da esperança, da alegria e da paz.

Portanto, se estes pressupostos estiverem certos, impõe-se perguntar: – Ocorreu *algo* de novo? Se ocorreu, que consequências teve para o homem esse *algo* novo?

A complexidade da questão formulada exige que se tracem ângulos de abordagem precisos, quer no plano conceptual, quer no plano metodológico. Fiéis à nossa formação médica e psiquiátrica analisemos a mudança, se mudança houver, olhando o homem através da janela clínica (entendida esta em sentido amplo). Na breve reflexão que iremos fazer usaremos como instrumento de estudo o método fenomenológico.

Raiz do sofrimento

Viver no sentido humano implica sempre, seja qual seja a circunstância que envolva o homem, um movimento interior de escolha do caminho. Diante do problema que o simples facto de viver implica, o ser está permanentemente empenhado na tarefa, singularmente humana, de optar e decidir. Pode ir por aqui ou por ali, mas é sempre ele, o homem, que decide, independentemente de valorizações de natureza ética ou estética. Exceptuam-se, naturalmente, aquelas situações mórbidas nas quais o livre arbítrio está afectado e a consciência, ao nível da sua intencionalidade, comprometida.

Do fundo que perpassa por detrás de todo este palpitar de vitalidade escorre, em fio contínuo, um certo tipo de constrangimento psíquico, que não é primariamente reactivo a nada (a nada que não seja simplesmente o acto de viver) e que, por assim dizer, empapa indelevelmente todo o ambiente da nossa interioridade.

Trata-se de uma inquietação permanente, mais ou menos consciente, que brota dos níveis mais profundos do ser, relacionada com a dolorosa ignorância a respeito do futuro que cada um perspectiva para si mesmo, e que resulta da interrogação, sem resposta, acerca do real sentido da vida. É certo que, frequentemente, achamos essa resposta embaraçada em deduções de natureza metafísica ou espiritual, mas, em todo o caso, quase sempre incompleta e insatisfatória. Tal inquietação, experimentada no corpo sob a forma dum constrangimento difuso, aspergido a partir do núcleo do próprio ser, encontra a sua explicitação fenomenológica mais clara no sentimento de insegurança que anima o homem na sua empolgante marcha existencial. Eis, nesta experiência singular, a matriz mais funda do sofrimento verdadeiramente humano. Estamos perante aquilo a que chamamos angústia existencial.

Angústia e ansiedade

Cada palavra, particularmente no mundo afectivo, representa naturalmente um estado de alma. Para a sua formação contribuíram as representações que os humanos, ao longo de milhões de anos, foram experimentando e comunicando aos seus semelhantes através de símbolos. Estes, multiplicando-se ao ritmo das necessidades interiores dos homens, cresceram e depuraram-se ao sabor das diversas línguas, como que decantados pelas infinitas gerações, assumindo hoje, cada palavra, um desenho objectivo e subjectivo mais ou menos definido, quer no plano fenomenológico, quer no plano meramente linguístico, conduzindo-nos a significados cujo sentido se torna importante precisar.

A raiz latina da palavra ansiedade ¹ prende-se à expressão também latina *anxia*, da qual resulta a palavra portuguesa anseio que significa desejo ardente de algo. O mesmo radical compõe uma séria de expressões latinas, tais como *anxiare*, *anxietas*, *anxiosus* que, na língua portuguesa, desaguardam directamente nas palavras ansiar, ansiedade e ansioso. A todas estas expressões está ligada a ideia de aperto, aflicção, estreitamento, constrição.

A palavra angústia ² remonta ao verbo latino *angere*, que significava apertar, e também ao termo *angustus* que tinha o sentido de estreito, apertado; a expressão latina *angustia* significava então estreiteza, limitação, restrição.

As duas expressões reportam-se, portanto, a significados equivalentes nos radicais latinos. Porém, se as analisarmos mais atentamente no plano fenomenológico, constatamos que elas encerram sentidos bem distintos.

O fenómeno ansiedade, em condições ainda normais da vida psicológica, refere-se, em geral, a um estado de leve tensão emocional, vivenciado algures no corpo, sob a forma de um aperto, de uma opressão ou de uma contracção muscular que, vulgarmente, se alastra por todo o ventre, repercutindo-se no seu interior e estendendo-se pelo peito, pescoço e face, provocando algum desconforto visceral e respiratório frequentemente com tradução ao nível da mímica. Trata-se de uma sensação, tingida de cores emocionais mais ou menos vivas, vivacidade esta que cresce à medida que falham os padrões adaptativos usuais do indivíduo. O fenómeno resultante configura-se ao redor duma apreensão ou receio de que qualquer coisa

¹ Cunha, A. G. (1998): Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Ed. Nova Fronteira (2.ª Edição), Rio de Janeiro, Pg. 52.

² *Ibidem*, Pg. 48.

desagradável estará para acontecer. Este fenómeno está muito próximo da experiência de medo, distinguindo-se dele na medida em que na ansiedade os perigos que envolvem o sujeito são virtuais ou desconhecidos, enquanto no medo os perigos são reais.

A ansiedade normal refere-se, portanto, a uma sensação, que se experimenta algures no corpo, que constrange e que magoa, mas também que encoraja e, de certa forma, estimula o ser para a acção de luta pela vida. Tal sensação exprime-se na intimidade do sujeito como algo suportável e, frequentemente, desejável até, funcionando como um aditivo propulsor orientado para o desbravamento do desconhecido, situado ali à frente na estrada do futuro.

O fenómeno angústia, sendo vivencialmente semelhante, é todavia mais profundo no seu enraizamento corporal e tem limites fenomenológicos mais difíceis de definir. A sua representação interior configura-se como algo gerador de um desconforto interno global, de colorido claramente ideo-afectivo, experimentando-se como qualquer coisa que, difusamente, comprime e constrange, difundindo-se por todo o pensar e todo o sentir. Trata-se, por consequência, não de uma sensação localizada nesta ou naquela zona corporal, como acontece com o fenómeno ansiedade, mas sim de um autêntico sentimento, ancorado a elementos de natureza anímica e espiritual, cuja tonalidade emocional toca também os limites do desconforto. Evidentemente que um e outro fenómeno, mesmo sem ultrapassar níveis psicológicos normais, espraia-se por um teclado emocional amplo, composto por leves vibrações tensionais, mas também, em certos casos, por desgastantes inquietações interiores. De facto, na vida psicológica considerada normal, os fenómenos ansiosos e angustiantes podem corresponder apenas a leves ondulações tensionais ou a discretas inquietações explicitadas, por exemplo, por contracções musculares localizadas ou difusas, por sintomas neuro-vegetativos diversos, ou por manifestações psico-motoras, fenómenos estes destinados a poder favorecer a criação dum ambiente interior de defesa perante a ameaça que o simples facto de viver implica. Tais estados vivenciais servem para manter o homem apto e pronto a reagir face aos contínuos e múltiplos problemas que a vida, e sobretudo a existência, lhe impõem. Porém, no outro extremo, a ansiedade ou a angústia, mesmo ainda sem ultrapassar as fronteiras da normalidade, pode ser tão acentuada, o ambiente interior pode ser tão inquietante, que o sujeito não consegue, com facilidade, deixar-se abandonar, por algum tempo, à descontração reparadora, isto é, pelas frestas da intimidade escorre, em fio contínuo, um persistente desassossego que alastra por

todos os cantos do ser. Aliás, quer na clínica quer mesmo na vida psicológica normal, observamos permanentemente a expressão desse fenómeno. Voltas e mais voltas na cama quando o sono tarda em nos socorrer, necessidade de movimentos constantes dos membros em certas situações, esfregar freneticamente as mãos, são gestos e atitudes que ilustram tal desassossego. “O coração galopa”, “a cabeça arde”, são expressões comuns que, na clínica, explicitam o sofrimento íntimo cujo perfil fenomenológico estamos a analisar.

Discorrendo na base do que dissemos no início destas reflexões, supomos que, no alicerce destas experiências, está a tal sensação desconfortável, profundamente plasmada no corpo, exprimindo-se nesta ou naquela zona anatómica ou funcional, que referenciámos como ansiedade. Recordamos que, aquilo a que chamámos angústia está muito mais próximo dos sentimentos, constituindo uma experiência emergente da profundidade do ser, penosa, difusa, igualmente inquietante, mas ligada a circunstâncias anímicas e espirituais, isto é, colada a acontecimentos tingidos de conteúdo emocional ou então coloridos com as tintas da transcendência – a liberdade, o devir com as suas promessas e as suas ameaças, os limites absolutos da existência (Jaspers).

Até aqui temos estado a discernir sobre os limites fenomenológicos da ansiedade e da angústia, entendidas ambas como experiências emergentes de circunstâncias sensivelmente normais da vida psicológica. Existe, de facto, como aliás atrás explicitámos, um estado de contínua preparação do sujeito perante as circunstâncias da vida e, sobretudo, perante as suas imprevisíveis mutações, estado esse experimentado no corpo sob a forma de avisos neuro-vegetativos, ou tensões musculares diversas, geralmente com ressonâncias desconfortáveis e, no espírito, sob a forma de temor, mais ou menos acentuado, face ao desconhecido que se esconde ali à frente no território do futuro. Do somatório destas reacções e qualidades emocionais resulta uma impaciência corporal normal a que chamamos ansiedade.

Angústia existencial e a angústia neurótica

Haverá alguma diferença radical entre a angústia existencial e a angústia neurótica?

A angústia existencial assenta, sobretudo, como atrás vimos, numa espécie de inquietação que invade continuamente o homem, quando este se confronta (e de alguma maneira está sempre confrontado) com o território

do nada, semeado apenas com as sementes da esperança nos campos do futuro, espaço virtual ainda não amanhado e muito menos palmilhado, isto é, numa palavra, quando o homem se acha diante do nada da não existência. A angústia neurótica está muito mais relacionada com a vivência da morte, entendida esta como desagregação física, ou pelo menos vivenciada antecipadamente como finitude, fenómeno que se associa à exaustão final de cada um ou, simplesmente, à destruição física, acontecimento que se revela sempre possível a todo o momento.

Mas, existem dois grandes tipos de angústia neurótica. Um deles resulta de conflitos que se estabelecem entre os vários planos do ser. Trata-se duma angústia intra-psíquica que escorre da luta (conflito) entre os diferentes patamares da personalidade (plano vital, anímico e espiritual) face a vivências íntimas nucleares, assumindo a angústia um desenho fenomenológico compatível com o plano sobre o qual o conflito se desenvolve. Cabem, neste tipo de fenómenos, angústias ou seus equivalentes, de diverso matiz clínico (manifestações psico-somáticas, angústia vital, reacções ansiosas, etc.). Estamos perante uma angústia intra-psíquica, sem dúvida, pelas razões expostas (conflitos íntimos); porém, do interstício do fenómeno ressalta, igualmente, um eixo exterior ligado aos motivos que a determinam. Tais motivos estão, quase sempre, instalados no lado de fora do ser.

Existe outro tipo de angústia neurótica que emerge directamente da relação do homem com o mundo, ou melhor, da forma como o homem responde às “situações limite” (Jaspers) que ele não pode ultrapassar (a morte, o acaso, etc.), e que constituem autênticas barreiras que o aprisionam eternamente. Esta angústia tem sobretudo a ver com a forma como o homem se defronta com os grandes problemas da existência; por isso se lhe chama angústia extra-psíquica. É claro que também esta angústia, de tonalidade nitidamente existencial, tem, tal como a primeira, uma componente conflitual interna, e, portanto, é igualmente intra-psíquica. Porém, por razões didácticas, chamamos-lhe extra-psíquica, dada a força da sua génese existencial, homem – mundo.

Uma e outra angústia neurótica (intra-psíquica e extra-psíquica) distinguem-se fenomenologicamente da angústia existencial (inevitável preocupação ante o nada da não existência), porque, na angústia neurótica, seja qual seja a manifestação clínica que no momento a explicita, é sempre possível descobrir, directa ou indirectamente, um brutal e perfurante temor da morte, ou talvez melhor, do significado da morte, vivenciada esta essencialmente como destruição física.

Se olharmos agora a angústia neurótica pela janela da clínica, constatamos, com Lopez Ibor³ e Gomes de Araújo⁴, que são também duas as formas deste fenómeno se manifestar. Uma delas é de aparecimento súbito, compondo um quadro clínico agudo, do qual jorram, em levas sucessivas, torrentes de sintomas e de sinais, quase todos emergentes dum fundo cenestésico palpitante e, muitos deles, polarizados ao redor de zonas consideradas capitais para o prosseguimento da vida (região pré-cordial e cefálica). A este tipo de angústia neurótica alguns autores clássicos chamam “forma ictal”⁵. A panóplia de sintomas que caracterizam estas formas agudas são relativamente difíceis de definir e limitar, tão grande é o conjunto de queixas e a variedade de sinais, exprimindo, todo este acontecer psicopatológico, uma profunda aflição experimentada pelo doente, especialmente na vertente física da vida. Não é sequer fácil, em termos teóricos, estabelecer uma hierarquia dos sintomas nestes quadros. Se o fosse, estaríamos a trabalhar no pressuposto de que existe, por detrás destas manifestações psíquicas e somáticas, uma enfermidade claramente estabelecida e, portanto, as histórias clínicas limitar-se-iam a constatar a presença dos referidos sintomas e sinais. Também aqui, como aliás em quase todos os quadrantes da psicologia clínica, as formações teóricas estão frequentemente distantes da realidade – “o real, no sentido de realidade natural, não é a enfermidade, mas sim o doente”⁶. E o doente, assustado, por vezes já inclinado e em queda para as águas tumultuosas do pânico, utiliza todas as palavras, procura todas as expressões, articula todos os gestos que ele julga capazes de exprimir (sobretudo a si mesmo) a sua aflição, ou de alertar todos (particularmente a si próprio) para a aproximação vertiginosa do supremo e doloroso momento da morte.

Infelizmente, por motivações nem sempre ancoradas na clínica e, sobretudo, nas ciências médica e psicológica, têm-se isolado nos últimos anos quadros nosográficos específicos, aos quais, alguma penetrante literatura recente, aplica pomposamente a designação de doença (disto ou daquilo), sem cuidar de saber, se, por detrás dos agrupamentos de sintomas, existe realmente uma etiopatogenia bem esclarecida, um desenho clínico bem definido, ou um prognóstico adequadamente previsível. E este

³ Ibor, Lopez (1950): *La Angustia Vital*, Editorial Paz Montalvo, Madrid.

⁴ Gomes de Araújo, H. (1965): *Terapêutica da Angústia Neurótica*, Separata do “Jornal do Médico” LVIII (1192): 737-744.

⁵ Gomes de Araújo, H. *Ibidem*, Pg. 6.

⁶ Ibor, Lopez (1950): *Ibidem*, Pg. 35.

facto tem acontecido muito particularmente no campo da psicologia clínica e no campo da psiquiatria onde, frequentemente, o estudo etiopatogénico dum qualquer sofrimento (angústia, ansiedade, tristeza, culpa) é sacrificado aos propósitos do processo terapêutico. Ouçamos o que a este respeito nos legou Barahona Fernandes.

O actual entusiasmo pela terapêutica em psiquiatria ameaça toldar o interesse pela observação clínica rigorosa – tanto da sintomatologia como do conjunto de factores condicionantes, em especial quando não envolvidos no processo terapêutico, como a *genética*⁷ e a constituição.⁸

Dissemos em cima que a crise de angústia se instala frequentemente de forma súbita e inesperada, “como um relâmpago numa noite serena”⁹; todavia, em certas ocasiões, a angústia eleva-se lentamente, rasgando caminhos de dor por todos os planos do ser, tal como um borrão de tinta se alastra num papel absorvente até empapar, por completo, toda a personalidade, e tolher, com a sua marca, todo o pensar e todo o sentir do sujeito.

Do núcleo vivencial da angústia, irradiam, em regra, sintomas psíquicos e somáticos; porém, todos os sintomas psíquicos possuem qualidades somáticas e o contrário também se verifica, numa demonstração clara da unidade da personalidade. É evidente que nos estamos a referir à angústia neurótica, porque em relação à angústia psicótica, pela própria dinâmica, mais ou menos tumultuosa, do processo dissociativo, a angústia pode adquirir características fenomenológicas completamente novas e estranhas à tal unidade da personalidade.

Se observarmos uma dezena de enfermos que apresentem, com certa frequência, crises de angústia neurótica, reparamos que cada doente acrescenta ao quadro clínico algo de novo e até de específico. Como atrás referimos, a angústia neurótica resulta da confrontação do ser face à perspectiva da morte, encarada esta como destruição física. Ora, a resposta a esta situação limite da vida projecta-se nas vertentes somática e psíquica,

⁷ Nota: O termo “genética” está hoje muito conotado com a dimensão biológica da origem dos fenómenos, relacionado portanto com genes, hereditariedade, genoma, etc, e, não tanto, com as causas (origens) dos fenómenos; outrora, sobretudo nos anos 30 e 40, os fenomenologistas costumavam usar o termo “genética” no sentido de causal.

⁸ Fernandes, Barahona (1998): *Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental. O homem Perturbado*, Edição Fundação Caloust Gulbenkian, Pg. 163.

⁹ Ibor, Lopez (1950): *Op. Cit.*, Pg. 37.

inundando o ser com manchas incontáveis de sintomas. No transfundo deste jorrar sintomatológico (apertos, parestesias, dispneias, suores, palpações, desesperos, etc., etc.), todos os enfermos sentem a angústia da mesma maneira, porém cada um a sente de modo específico e pessoal, emprestando ao fenómeno o colorido multiforme da sua verdadeira personalidade. Quer dizer, cada um se angustia à sua maneira e, sobretudo, cada um faz a gestão do seu sofrimento de forma consciente ou inconscientemente de acordo com múltiplas circunstâncias, centradas fundamentalmente na personalidade e na dinâmica existencial, numa palavra, no “estar no mundo”. Daí a necessidade absoluta de cada caso exigir um estudo individual exaustivo, particularmente no plano fenomenológico, sempre imprescindível ao projecto terapêutico.

Os psiquiatras ibéricos Lopez Ibor e Gomes de Araújo chamam a atenção para um facto intrigante que caracteriza a fenomenologia ancorada à angústia neurótica. Tal facto reside na circunstância dos sintomas serem, normalmente, debitados de forma particularmente incerta. Ouçamos um doente concreto a fim de precisarmos o que queremos com isto dizer. “Sinto-me desesperado, assustado e próximo do fim; é como se a morte me fosse ceifar a vida num instante; falta-me o ar, como se todo o ar à minha volta não chegasse para mim; não consigo encher os pulmões, como se qualquer coisa impedisse a normal entrada de ar; o coração galopa tão forte dentro do peito que quase se desprende e sai cá para fora; sinto-me a perder os sentidos, parece-me que estou no fim”.

Se analisarmos o recorte fenomenológico deste conjunto de sintomas reparamos que, alinhada ao lado da perturbante ameaça à integridade do ser, está sempre presente a esperança de salvamento da situação. Vejamos: “sinto-me a perder os sentidos, parece-me que estou no fim” – o paciente utiliza o termo *parece-me* e não a expressão, *tenho a certeza*. “Sinto-me desesperado... como se a morte me fosse ceifar a vida...” Como se fosse, o que significa que, de todo, não é. Quer dizer, por um lado, surge a força da ameaça à desintegração do ser mas, por outro lado, continua presente a esperança, nitidamente vislumbrada no discurso e na dúvida que o mesmo encerra, dúvida essa que aponta o caminho da sobrevivência face à onda demolidora da angústia e dos distúrbios funcionais a ela associados. Daí o ambiente interno, relativamente caótico, explicitado e vivido pelo paciente durante a brutal crise de angústia. Daí também o clima de luta interior pela sobrevivência, propício à produção de fenómenos ambivalentes, muitos deles irracionais, carregados de acentuada carga afectiva, fenómenos esses que evoluem num tempo íntimo penosamente

arrastado, dando mesmo a impressão de que breve a vida parará. O momento presente demora uma eternidade; ali à frente, a curtíssima distância, levanta-se sobranceira e insensível a foice tirana da morte e o sujeito, aparentemente desarmado, não irá escapar a ela; o sofrimento agiganta-se, estilhaçando mais e mais o tempo íntimo, e o ser, por certo, junto dela (morte), parará. É a isto que corresponde a clássica crise de pânico, descrita magistralmente por Lopez Ibor na sua timopatia ansiosa.

Mas, afinal, se de luta se trata, como poderemos identificar os contendedores? Dum lado estará naturalmente o ser, transportando o desejo férreo de continuar. Um ser porventura imaturo, mas que, por força dessa imaturidade, se esconde derrotado e diminuído atrás da muralha da ameaça. Do outro lado, estará certamente aquilo que parece ao sujeito representar a fonte do seu aniquilamento – o não ser, ou seja, o nada. É curioso notar que, também na melancolia, o tempo íntimo se arrasta dolorosamente, as vivências têm um colorido torturante e a morte aproxima-se como solução para tamanho sofrimento. Porém, a luta, se luta houver, tem um sentido inverso; tem o sentido do desejo e não do suplício como acontece na crise de pânico, e a morte assume, na melancolia profunda, o doce sabor da finitude de todo o sofrimento.

A solidão

Muitas destas crises de angústia (talvez a maior parte) golpeiam o homem em circunstâncias muito particulares. Atingem-no quando ele está só, ou então em plena rua, ou ainda quando está mergulhado no meio de multidões. O que acontece é que, fruto duma convivência muito característica do nosso tempo, o homem sente-se absolutamente só no meio de massas de gente com as quais ele não estabelece uma comunicação verdadeiramente humana. As pessoas cruzam-se nas praças, nas ruas ou nas salas de espectáculo, trocando olhares vazios de significado, ou singelos gestos de cortesia sem qualquer sentido afectivo. Comportam-se como simples objectos programados, insensíveis aos problemas dos outros e muitas vezes até hiper-críticas perante alguém diminuído. Vivemos numa sociedade que cultiva, como valor cimeiro, o triunfo individual, portanto, partilhamos, na modernidade, uma sociedade pouco atenta ao sofrimento alheio. Daí, a frequência com que aparecem as crises de angústia aguda nestas circunstâncias. É vulgar chamar a esta entidade clínica agorafobia. Contudo, a nós parece-nos que, o que verdadeiramente está em jogo nestas situações clínicas, não é a praça ou o estádio, mas sim a gélida solidão que envolve o

homem do nosso tempo. Tal solidão assume particular acutilância, nas personalidades estruturalmente neuróticas, promovendo a agudização da insegurança e a exacerbação da tonalidade imatura que as caracteriza. E, quanto mais imatura for a personalidade, tanto mais pueril será o comportamento, subindo nestas circunstâncias, em flecha, a possibilidade das manifestações da angústia neurótica assumirem um colorido histórico.

O temor da loucura

Discorremos até aqui sobre as crises de angústia aguda a que chamámos “formas ictais”. Abordaremos agora, se bem que sumariamente, os acessos neuróticos caracterizados pela vivência de loucura.

Difícilmente encontramos na clínica, aliás copiando o que acontece na vida psicológica considerada normal, uma situação de angústia neurótica que não manifeste um inequívoco temor de enlouquecer. Este temor constitui até o pano de fundo sintomatológico da maior parte dos pacientes que, de forma nua, o explicitam claramente: “vou enlouquecer; isto provavelmente já não tem cura e, se não me ajuda, perco o juízo”. Que significado atribuímos a esta manifestação clínica da angústia? Como repetidamente temos observado ao longo deste trabalho, a angústia neurótica consiste numa espécie de medo perante a morte, especialmente entendida esta como desagregação física. Porém, montada sobre a vertente física da vida, move-se a existência. Trata-se duma instância singularmente humana, privativa de cada homem, garantindo-lhe um saber acerca de si mesmo indispensável para o conhecimento da vida e da morte, particularmente da morte. Tal atributo, exclusivo do homem, permite ao ser saber que vive, saber para que vive e, sobretudo, saber que um dia a vida acabará. Ora, o homem neuroticamente angustiado, adivinha facilmente que, por detrás da morte física, se esconde irreversivelmente a morte existencial. E, se esta se perspectivar, mesmo que a vida continue, como acontece, por exemplo, em certas formas de demência, então o indivíduo sente cair sobre si a ameaça dolorosa da sua expulsão da comunidade humana. Falamos, nestas circunstâncias, de uma espécie de morte dupla: a morte do sentido da vida por anulação da existência e a morte física por expulsão do ser da convivência humana, quer dizer, por redução do homem à sua singela e quase desprezível condição de animal que indubitavelmente continuará a ser até ao dia finado.

Face ao que acabámos de expor, sentimos que estamos em condições de responder a três das quatro questões levantadas no início destas

reflexões ao redor do fenómeno angústia. Recordemos as interrogações propostas:

- 1.º Os tempos de hoje constroem mais o homem do que os tempos de ontem?
- 2.º Como e quando se desenvolveram os fenómenos responsáveis pelos eventuais constrangimentos?
- 3.º Quais as consequências para o homem, tendo em vista o seu equilíbrio somático, psíquico e social?
- 4.º A intuição, o afecto, o simbólico e a utopia na busca de sentido.

Tempos de angústia

Pensamos que, uma das características do nosso tempo, particularmente no mundo chamado ocidental, assenta na tendência progressiva para um certo tipo de solidão. Não cabe neste trabalho, por força da dimensão e da complexidade do tema, abordar em profundidade esta questão. No entanto, valerá talvez a pena tocá-la ao menos pela rama.

Mesmo acompanhado, o homem de hoje sente-se só. As razões são múltiplas, mas de todas elas ressaltam aquelas que se prendem com o fenómeno da comunicação cultivada na modernidade. Duas ou mais pessoas contactam e comunicam umas com as outras, como se de esferas tangentes se tratasse. Na verdade não há penetração no espaço íntimo de cada um e o encontro existencial processa-se, apenas, pela periferia do eu de cada qual. Portanto, o que se dá e se recebe são discretas e duvidosas aproximações da verdade, uma verdade construída pelo ser, muito mais na base de imagens e papéis que lhe estão no momento destinados, do que de amostras reais daquilo que constitui a pessoa humana. Cada época tem necessidades distintas a respeito da comunicação e, particularmente, do *quantum* a comunicar. A nossa época, certamente por razões ligadas a certos requisitos promovidos a valores prioritários nos dias de hoje, tais como a competência e a capacidade competitiva, elegeu como objectivo primeiro da planificação social, o triunfo individual. Evidentemente que a competição de todos contra todos, acarreta severos limites à comunicação, criando egocentrismos exacerbados, isolamentos, solidão e, sobretudo, angústias. Hoje, no encontro existencial, especialmente por causa do tal fenómeno competitivo, cada um diz ao outro apenas o que pode dizer, raramente diz o que quer dizer e nunca, ou quase nunca, diz ao outro aquilo que deve dizer.

Por outro lado, construiu-se, muito particularmente no último meio século, mais outro tipo de solidão, igualmente geradora de uma angústia cujos contornos fenomenológicos requer um aprofundado estudo, também este incompatível com os objectivos deste trabalho. Trata-se da redução do núcleo familiar à sua expressão mais elementar. Assim, os avós, quando perdem rendimento e deixam de produzir o que a sociedade acha indispensável para um bom desempenho individual, são ironicamente protegidos em lares, cujos contornos e conteúdos eles (os velhos modernos), se vêem forçados a descobrir no próprio dia do internamento. A criança de hoje, praticamente ainda sem ter tido a oportunidade de ver a luz do dia, assiste, indefesa, ao planeamento da sua primeira expulsão do lar, rumo a qualquer creche, na qual terá forçosamente de aprender os truques da competição antes ainda de aprender o jogo saudável da convivência, alicerçada nos afectos, cuja matriz primeira reside indubitavelmente na família. Forçada a gatinhar por este trilho, muito cedo a criança toma contacto real com a solidão e, naturalmente, com a angústia que dela escorre.

Mas há um outro tipo de solidão que, a nosso ver, mais ainda exacerba a angústia nos tempos de hoje. Referimo-nos àquilo a que Kierkegaard chamou a solidão cósmica. Com a morte dos deuses (grandes e pequenos) e com o derrube daquelas imagens que defendiam o homem nos dias apertados, a angústia encontrou espaço absolutamente livre para se espriar à vontade pelos caminhos da consciência. Quem não se lembra da doce figura do Anjo da Guarda, que, no escuro da noite, num tenro e terno abraço, tomava a criança na sua companhia, velando pela serenidade do sono e pelo colorido do sonho, numa palavra, oferecendo segurança e felicidade.

Tempos de mudança

A análise dos trabalhos dos diversos autores que, nos últimos cem anos, se dedicaram ao estudo das neuroses, mostra-nos, de forma clara, a transformação do perfil clínico da enfermidade. A fenomenologia neurótica revela uma mudança de direcção – do exterior apelativo para o interior reflexivo. A psicopatologia trasladou-se da expressão plástica epidérmica para a expressão plástica visceral. Numa palavra, a forma e o conteúdo da clínica neurótica alterou-se radicalmente.

Supomos que estamos perante uma daquelas situações nas quais, a ciência, neste caso médica e psicológica, nos pode ajudar a compreender o efeito na natureza (humana) promovido pela manipulação grosseira do meio ambiente operada pelo homem.

Folheemos então algumas páginas da clínica neurótica que explicitam estudos arrancados de momentos marcantes dos últimos cento e vinte anos.

Nos tempos de Charcot (finais do século XIX), os hospitais psiquiátricos de Paris estavam repletos de doentes cujas manifestações clínicas tinham um acentuado colorido histérico.

Durante toda a primeira guerra mundial (1914-1918) “batalhões inteiros de combatentes de distintos países foram acometidos de ondas de sintomas físicos e psíquicos, de entre os quais se destacavam, pela frequência e pelo aparato: tremores, desmaios, paralisias, cegueiras, estados crepusculares, dismnésias e ataques convulsivos histéricos”.¹⁰

Na segunda guerra mundial (1939-1945), não obstante o peso dramático da doença que caía sobre os países beligerantes, os sintomas histéricos quase desapareceram. Foram substituídos por manifestações de angústia neurótica de diversa matiz clínica e, sobretudo, por perturbações funcionais de alguns órgãos, particularmente centradas no coração, estômago e região cefálica.

Vários estudos efectuados ao longo de todo o século XX demonstraram que, no bloco correspondente à chamada civilização ocidental, o perfil clínico da expressão neurótica se vem modificando acentuadamente. Os dois quadros clínicos acima desenhados, e que correspondem apenas a dois momentos de intensa carga emocional colectiva, são só dois retratos que ilustram a modificação da linha semiológica do acontecer neurótico. Tal modificação operou-se não só entre este ou aquele grupo social (no caso em análise militares em guerra), mas estendeu-se ao todo social do bloco ocidental como acima referimos. A profundíssima fractura ideológica que dilacerava todo o espaço social ocidental ao tempo dos dois grandes conflitos mundiais, não se fez sentir nas manifestações da angústia neurótica. Quer no bloco germânico quer no bloco franco-britânico e norte-americano, a expressão histriónica da angústia, característica do início do século, foi-se esbatendo dando lugar à expressão hipocondríaca, característica da segunda metade do século.

Que terá acontecido ao homem contemporâneo para que a expressão da angústia se tivesse modificado de forma tão clara?

Vários autores, entre os quais ressalta pela sua importância no campo da psicopatologia Karl Jaspers, chamam a atenção para a profunda transformação do homem enquanto ser psicocultural. O homem ocidental,

puxado por uma filosofia cada vez mais racional, largou há já alguns séculos a postura mágico-primitiva, a qual influencia ainda hoje algumas culturas orientais e centro-asiáticas.

Com a conquista da racionalidade, operada pelo pensamento ocidental, surge um brutal desenvolvimento técnico-industrial no mundo europeu e norte-americano, arrastando o homem para uma crescente submissão à máquina. Tal fenómeno teve fortes implicações sociais, criando ou ajudando a criar novas formas de comunicação interpessoal, necessariamente mais frias no plano emocional e, por consequência, mais desumanizadas.

Para Jaspers, os factores que mais contribuíram para a alteração psico-cultural do homem ocidental e, portanto para a tecnificação do mundo, foram o gosto pelas ciências naturais, o espírito de invenção e a organização do trabalho. “Estes três factores (diz Jaspers) têm um elemento em comum: a racionalidade.”¹¹

Porém, muito antes da tecnificação do mundo, o homem começou a sentir os efeitos da erosão imparável do pensamento mágico-religioso que o tinha guiado durante toda a Idade Média. O racionalismo crescente, animado por um positivismo sem freio, encorajado pelo prodígio técnico da inteligência artificial, acabou por comprometer a comunicação inter-humana, o altruísmo e a partilha. “O homem contemporâneo, empapado de racionalismo e positivismo, desenvolve a sua vida regulado por um programa dirigido a um bem-estar tecnificado, cujos capítulos mais importantes correspondem ao bem estar do próprio corpo.”¹² Com ele e com a máquina persegue-se o triunfo imediato, a estética estreita-se até aos limites do erótico, a ética aperta-se até à garganta da conveniência, a magia cede ao peso do racionalismo. Numa palavra o espaço abundante do futuro esfuma-se, deixando no seu lugar um brutal vazio cujo peso comprime a alma e reduz a vida à dimensão presente.

Como se de uma esponja se tratasse, o homem contemporâneo, espremido pela ciclópica tecnificação, sujeito à desenfreada competição interpessoal que caracteriza a nossa era larga, um rasto indelével de angústia, também ele colorido pelas cores do disfarce que a medicina actual proporciona.

¹⁰ Alonso Fernandez (1979): *Fundamentos de la Psiquiatria Actual*, Madrid, Ed. Paz Montalvo, Pg. 51.

¹¹ Alonso, Fernandez. *Op. Cit.*, Pg. 61.

¹² *Ibidem*, Pg. 61.

O tempo e o espaço à luz da nova era

Interessa talvez referir, por ser uma produção do nosso tempo, a total desumanização dos espaços e dos tempos que as modernas tecnologias de comunicação promovem. Entre Tóquio e Vildemoinhos a lonjura encurtou-se até à distância de duas teclas de computador e, o tempo, esse, apagou-se de todo, fundindo-se num pirilampo reduzido ao instante numa luz que se acende. As pessoas de Tóquio e de Vildemoinhos falam, de facto, umas com as outras, olhos nos olhos, até ao limite do pudor, separadas apenas pelo ecrã do computador, quase sentindo o bafo quente do seu interlocutor; porém, as sílabas, os sentidos e os afectos terão de perfurar os gélidos espaços da desumanização, promovida por um estranho encontro mediado pela técnica e pela máquina que vaidosamente quer ser homem. Muitas das ribeiras da angústia, que engrossam as dificuldades íntimas do homem moderno, encontram as suas nascentes nestes paradoxos de tempos e espaços fabricados pelo homem, e, portanto, afectados pelos defeitos do próprio homem.

A viver num tempo dessacralizado, novo, melhor dito – pintado de novo pelas suas próprias mãos, o homem precisa de tempo velho para se adaptar ao novo planeta por ele descoberto.¹³

A queda do sagrado precedeu, pelo menos uma centena de anos, a tecnificação do mundo. Um fenómeno e o outro tiveram uma influência decisiva na construção do homem novo, criatura incrédula, dramaticamente comprimida pela pressão do nada que, por ser nada, lhe cria um vazio insuportável.

“A crescente incredulidade da nossa época produziu o niilismo. Nietzsche é o seu profeta. O niilismo, antes impotente em vontades dispersas, converteu-se em maneira dominante de pensar” (Jaspers)¹⁴.

Porém, o tal “homem novo” anunciado por Nietzsche ainda não nasceu. É o próprio filósofo quem o diz:

“Esse acontecimento enorme está ainda a caminho, caminha e ainda não chegou aos ouvidos dos homens. O relâmpago e o raio precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, as acções precisam de tempo, mesmo quando foram efectuadas para ser vistas e entendidas”.¹⁵

¹³ Nota: Imagine o leitor o que pensariam os nossos avós do século XIX se, num golpe de magia, se levantassem do túmulo. Aviões, televisões e computadores seriam, certamente, instrumentos de Deus oferecidos ao homem num qualquer espaço celeste.

¹⁴ Alonso Fernandez, *Op. Cit.*, Pg. 61.

¹⁵ Nietzsche, F., *A Gaia Ciência*, Guimarães & Cª Editores, Pg. 143.

A angústia existencial é a matriz de toda a angústia. Razões diversas, como acima explicitámos, estão na base do seu reforço na era que atravessamos. Carregando este constrangimento contínuo e subtil, que emerge do centro da vida e que tinge com cores quentes o instante imediato, o homem progride para o futuro. Mas o peso excessivo da carga nos tempos que correm desgasta necessariamente o veículo de transporte, isto é, o corpo, no sentido psico-físico. Eis o preço doloroso da excessiva materialização da vida.

A intuição, o afecto, o simbólico e a utopia na busca de sentido

Questões de sentido

O sentido tem que ver com o compreender algo face às circunstâncias existenciais que envolvem esse algo, quer dizer, tem que ver com a descoberta dos significados de cada movimento psicológico.

Na clínica distingue-se, ou pelo menos tenta-se distinguir, entre uma significação psicológica ou interior e uma causalidade natural ou exterior à personalidade.

O compreender relaciona-se com a continuidade de sentido entre as várias situações psicológicas do sujeito (estados de consciência) e as ambiências em que aquelas ocorrem. O observador tem, em certas circunstâncias psicológicas, a possibilidade de co-penetrar a psique alheia e aí entender o encadeamento das vivências, sentindo que, em condições psicológicas idênticas experimentaria vivências semelhantes. Compreendemos algo quando lhe descobrimos o sentido.

Diferente do compreender é o explicar. Tem que ver com a busca de determinantes (causais, estruturais ou processuais) em função dos quais os fenómenos se produzem. Para Jaspers o explicar tem um sentido um pouco mais restrito, e corresponde apenas ao enquadramento das situações psicológicas em leis regulares; trata-se de tentar racionalmente encontrar relações causais, observadas a partir de fora, sem a referida co-penetração na vida psicológica do sujeito. Explicar significa assim descobrir os determinantes causais (e apenas estes) dos fenómenos, apurados aqueles do lado de fora do sistema (não é portanto um explicar estrutural, na medida em que este se colhe sem que se tenha que sair do sistema) e também não é um explicar processual na medida em que para este tipo de explicar o determinante se confunde com o tempo de evolução do fenómeno, ou melhor, o determinante é o próprio tempo. Doravante, quando referirmos o explicar, fazemo-lo no sentido de Jaspers (determinante causal). Explicamos o

cansaço acentuado dum doente sujeito a um tratamento por citostáticos. Compreendemos as rumações angustiantes deste paciente em relação ao seu futuro. Compreendemos igualmente um sentimento de vergonha experimentado por alguém que, subitamente, é surpreendido a tentar abandonar um supermercado sem pagar um objecto que leva escondido. Explicamos um estado de fadiga num indivíduo que acaba de ser operado ao estômago. Compreendemos as dúvidas e a angústia que o acompanha em relação ao prognóstico da enfermidade.

Observando os tempos que correm à luz destes conceitos, fácil se torna inferir que compreendemos os sentimentos de angústia experimentados pelo homem contemporâneo face ao peso do vazio que o constrange e que o magoa. Explicamos o desgaste psico-fisiológico provocado pela carga física ou laboral a que muita gente está sujeita. Compreendemos a angústia dum criança que, manhã cedo, é arrancada dos braços de sua mãe para ser depositada em colos estranhos na creche que a recebe. Explicamos o definhar da criança que, fruto dum qualquer maleita, perde o apetite. Compreendemos a angústia do velho que se sente absolutamente só no meio de muita gente no lar que lhe serve de abrigo. Explicamos as dificuldades de memória desse mesmo velho provocadas pelas deficiências circulatórias cerebrais.

Numa palavra, compreendemos o acréscimo de angústia existencial do homem presente face ao significado do vazio que caracteriza a nova era. Compreendemos o ruborizar cada vez mais vivo da angústia do homem contemporâneo face ao empalidecer cada vez mais baço da transcendência das coisas.

A transcendência

Infinitas coisas no mundo vêm e vão, aparecem e desaparecem, perfilam-se diante dos nossos olhos e ocupam, prolongada ou transitoriamente, a nossa consciência. Qual a matéria ou não matéria, viva ou inanimada, que liga ou suporta as coisas do mundo?

Em primeiro lugar, existem as mais diversas concepções do mundo; desde o materialismo mais puro (tudo que existe é matéria e a diversidade corresponde aos múltiplos estados da mesma), até ao espiritualismo mais vivo (tudo é espírito e as coisas materiais são apenas aparências). Entre estes dois pólos, desdobram-se distintas formas de ver o mundo. Na antiguidade a matéria-prima era a água e o fogo. Nos nossos dias é a cibernética e a informática. Estas visões do mundo têm as suas razões e os seus

fundamentos; porém, todas elas apreendem apenas e só um pedaço da realidade; logo, nenhuma está absolutamente certa. Contudo, todas elas têm um denominador comum; as coisas, os objectos, são apreendidos pelo eu como algo que a ele (eu) se opõe. Isto é, face às coisas há um alguém (eu) que as percebe e com as quais se relaciona, embora em permanente contraste com elas (oposição). O livro que está diante de mim é algo que me enfrenta como objecto que é e para o qual eu me dirijo através do pensamento. Sempre que estou desperto não posso desembaraçar-me das coisas que ocupam a minha consciência, sejam elas coisas correntes do mundo sensorial (pássaros, pedras, estrelas), sejam coisas simbólicas (números, palavras), sejam coisas valorativas (belo, bem, liberdade). Enfim, sempre, em todas as circunstâncias, em todas as situações, o homem está relacionado com as coisas, e estas, não obstante ocuparem momentaneamente o espaço da consciência, aparecem frente ao eu como algo que o defronta.

Quando alguém se pensa a si próprio, isto é, quando o eu pensante se objectiva em relação a si mesmo, cria-se uma dificuldade intransponível, pois o objecto pensado dilui-se no sujeito pensante, destruindo-se assim a condição prévia do objectivável: confrontação, eu – objecto. Isto é, o objecto (que sou eu neste exercício reflexivo) perde a sua qualidade de objecto quando objectivado por mim. Da mesma forma eu (sujeito) mergulho e afogo-me no objecto regressando à superfície sempre com ele, sem a ele me opor e, portanto, sem de facto o objectivar realmente. Jaspers chama a esta situação cisão objecto – sujeito. É tão natural este fenómeno, está tão arraigado arquetipicamente à nossa existência que o encaramos como uma evidência e nem nele pensamos. Como escreveu Karl Jaspers, citando uma reflexão de Schopenhauer, “não há objecto sem sujeito nem sujeito sem objecto”¹⁶. Ora, o ser absoluto, o ser na sua totalidade não pode ser objecto nem sujeito. O livro verde para o qual eu volto os meus olhos só existe para mim, só é objecto e assim objectivável na medida em que eu (sujeito) o aprecio (apreendo). Eu sou o sujeito do livro verde. Mas eu também só me realizo (existo) na medida em que me relaciono com as coisas que me envolvem, com o livro verde e todos os livros com os quais contactei, bem como com todas as coisas que povoaram e povoam o meu mundo e que compõem a minha existência. Não é possível conceber o homem mergulhado no total vazio e na inconcebível ausência das coisas. Mas, afinal, as coisas estão ali e eu aqui. O que me liga a elas? O que me

¹⁶ Jaspers, K. (1985): *Iniciação Filosófica*, 7.ª Ed. em língua portuguesa, Guimarães Editores Lda., Pg. 31.

envolve neste jogo relacional? Onde está, de facto o ser na sua integridade? Está no “englobante”¹⁷. O ser em absoluto não pode ser objecto, escreve Jaspers, só o é enquanto elemento do “englobante”. E eu, sujeito, também dele imano. Ele tudo liga e tudo sustenta no jogo relacional. O livro verde. O verde e o livro. Como posso eu arrancar o verde, a coisa a que chamo verde, da coisa que o suporta, da coisa a que chamo livro e que vem inevitavelmente afectado pela cor? Parménides¹⁸ viu neste fenómeno, tão simples quanto complexo, a base da metafísica. Até ele, o mundo pertencia simplesmente ao terreno do sensível, da física. Depois dele, a especulação filosófica transportou-o para o terreno da metafísica. Eis uma das misteriosas faces da cisão sujeito – objecto. Eu, para objectivar o livro verde, tenho fatalmente de o desamarrar do “englobante”.

Mas o “englobante” não se esgota na minha relação com as coisas. Elas próprias (as coisas, os objectos) estão relacionadas entre si, promovendo ao nível do pensamento, isto é, quando as selecciono no meu entendimento, uma segunda cisão. Assim, quando penso alguma coisa, o livro verde do nosso exemplo, penso-o em primeiro lugar referido a mim e em segundo lugar referido às outras coisas com as quais, de toda a maneira, se relaciona (a estante, o leitor, a temática, a própria liberdade interpretativa, ao ser convertida também em objecto quando pensada). E de cada vez que eu apreendo o livro verde, penso-o de forma diferente. Tomo dele apenas e só aspectos particulares que se contrapõem a mim e aos outros objectos que no momento compõem o cenário da minha existência.

Na vida psicológica normal o homem aproxima-se do “englobante” sempre que, num transe de profunda reflexão, se funde e confunde com o objecto, como acontece em certas situações de êxtase, apagando-se o eu e desaparecendo o próprio objecto. É, no fundo, o que acontece no sono (consciência adormecida) em que, finalmente, o homem se abre para si próprio. A este propósito escreveu o venerando filósofo da antiguidade Plotino, citado por Jaspers: “Sempre que estando adormecido o meu corpo, acordo para mim próprio, contemplando uma beleza prodigiosa: acredito então, firmemente, que pertença a um mundo melhor e mais sublime, que me percorre uma vida magnífica que me une à divindade”¹⁹. O mesmo sentido arrancamo-lo da mensagem que ilustra um belo monumento erguido

¹⁷ Jaspers, Karl, *Ibidem*, Pg. 29.

¹⁸ Weischedel, W. (1999): *A Escada dos fundos da Filosofia*, (trad. de Edson D. Gil) Ed. Angra – Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, S. Paulo, Pg. 27-34.

¹⁹ Jaspers, K., *Op. Cit.*, Pg. 31.

em honra das mães portuguesas, representando uma criança dormindo no regaço de sua mãe. “O melhor sono da nossa vida, em que na nossa alma, docemente penetra Deus”²⁰. O homem é assim também “subjectividade incarnada, envolvida pelo Mundo das coisas e dos Outros. É, portanto, uma subjectividade sempre situada.”²¹

No auge da sua concepção, o “englobante” é, no fundo, a própria transcendência.

Muitas vezes na doença ou em situações de grande tensão emocional, tal como acontece nas experiências místicas, o homem afoga-se no “englobante”. Trata-se duma espécie de oceano que o recebe e o conforta.

E se o englobante, na vida normal ou anormal, constitui uma espécie de limite, no qual o homem se dissolve em certas experiências místicas, ou de êxtase, ou simplesmente de profundo recolhimento, limites ainda mais poderosos e intransponíveis, pelo menos na vida psicológica normal, se levantam diante de todos nós mil vezes ao dia. Contudo, tantas vezes na vida psicótica, na loucura, esses limites são derrubados e caoticamente espalhados nos mares tumultuosos do delírio.

A percepção serena e lúcida dos limites e o investimento ajustado na relação do ser com as coisas e com os outros, constituem as bases do respeito absoluto pelas questões da transcendência. Eis o pressuposto necessário, mas não suficiente, que tempera a angústia existencial, elemento indispensável para o empolgante desafio do devir.

Percepção dos limites

Seja qual seja a circunstância que envolva o homem, na saúde ou na doença, este, no plano da sua intimidade nunca está só; em momento algum da sua existência perde o último fio referencial que o liga ao mundo; numa palavra, a sua condição de homem implica que ele se encontra sempre mergulhado numa dada situação. Mas há uma situação que, de alguma maneira, é primária em relação a todas as outras, isto é, precede todas as outras: é o facto (situação) de estar sempre contido numa determinada situação. Cada situação constitui para o homem um problema, um problema que o defronta e que ele tem de resolver. Mas há um problema que precede todos os problemas, tornando secundários todos os outros:

²⁰ Nota: Escultura existente no “Jardim das Mães” na cidade de Viseu.

²¹ Coelho, Bernardo, T. (1983): *Sobre a Culpabilidade* (Pg. 5). Separata de “*O Médico*” N.º 1664, Vol. 106, ano 34, Pg. 90-94.

trata-se do problema de o homem estar sempre perante um problema. Estar sempre mergulhado numa situação, estar sempre perante um problema, constitui, de facto, o cerne do diálogo do homem com o mundo. Nestas circunstâncias não resta ao eu outro caminho que não seja sempre, em todos os momentos (em estado de consciência vígil, bem entendido) optar por qualquer coisa, ultrapassando a situação do momento e decidir algo a respeito do problema que tem de vencer para de imediato cair noutra.

É assim que o homem (optando em função das situações e decidindo em função dos problemas com os quais se defronta), deambula pela vida um pouco ao sabor dos acontecimentos externos e internos. Porém, seja qual seja a direcção escolhida, ele esbarra inevitavelmente com as chamadas situações limite (Jaspers). A morte, o acaso, a culpa e a insegurança constituem sempre as muralhas intransponíveis que apertam o homem na sua marcha existencial. São muros cuja altura chega até ao céu, tão lisos e escorregadios que não permitem ser escalados.

Porém, o vazio que caracteriza o homem do nosso tempo, a solidão que ele próprio constrói no dia a dia, os jogos de linguagem que marcam a comunicação, a competição desenfreada que atravessa todos os estratos sociais, enfim as circunstâncias existenciais que formatam a nossa era constituem os limites relativos que reforçam os famosos limites absolutos equacionados por Jaspers em meados do século XX. Trata-se duma espécie de muro rugoso que cerca o homem e que lhe exige um esforço suplementar na tarefa difícil de rasgar no nevoeiro da vida moderna o sentido da existência.

A esperança. Retoma do sentido

Balançando entre a razão e a emoção, o homem do nosso tempo oscila entre o egoísmo exacerbado e o altruísmo calculado, entre o ateísmo e o fundamentalismo religioso, entre o materialismo mais frio e o capitalismo mais desumanizado.

Ao menos, escutemos o doce cantar do pensamento e, com os poetas, busquemos o sentido da existência nestes tempos de angústia.²²

²² Teixeira de Pascoais, *Regresso ao Paraíso*, Canto XX.

REGRESSO AO PARAÍSO

Através dessa nuvem, descobriram-se,
Num esplendor quimérico e sagrado,
As asas dum arcanjo.

E dos vales, dos montes, das cidades,
Homens, mulheres, crianças,
Em multidões ruidosas e ligeiras,
Seguem o mesmo rumo da harmonia.

Dos sepulcros fendidos se alevantaram
Os mortos que ressurgem, no vigor
E no frescor e no esplendor da aurora!

E Deus, chamando um homem: Quem és tu?

Fui para mim um Deus libertador!
Vai: põe o teu esforço na balança.
E a divina balança estremeceu.

CARLOS MOTA CARDOSO

Bibliografia

- Alonso Fernandez** (1979): *Fundamentos de la Psiquiatria Actual*, Madrid, Ed. Paz Montalvo.
- Coelho, Bernardo, T.** (1983): Sobre a Culpabilidade (Pg. 5). Separata de "O Médico" N.º 1664, Vol. 106, ano 34.
- Cunha, A. G.** (1998): Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Ed. Nova Fronteira (2.ª Edição), Rio de Janeiro.
- Fernandes, Barahona** (1998): *Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental. O homem perturbado*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes de Araújo, H.** (1965): Terapêutica da Angústia Neurótica, Separata do "Jornal do Médico" LVIII (1192).
- Ibor, Lopez** (1950): *La Angustia Vital*, Editorial Paz Montalvo, Madrid.

Jaspers, Karl (1985): *Iniciação Filosófica*, 7.^a ed. em língua portuguesa, Guimarães Editores L.^a.

Nietzsche, F. *A Gaia Ciência*, Guimarães & C^a Editores.

Teixeira de Pascoais, *Regresso ao Paraíso*, Canto XX.

Weischedel, W. (1999): *A Escada dos fundos da Filosofia*, (trad. de Edson D. Gil) Ed. Angra – Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, S. Paulo.

Angústia, culpa e pecado

A angústia humana é um conceito básico da psicologia do profundo que não mereceu ainda atenção de muitos sectores, como a escola, o serviço de saúde, a reflexão sobre os mecanismos de exclusão ou de integração dos indivíduos nas sociedades. Muito menos encontrou abrigo e atenção dentro da teologia e nomeadamente na teologia moral, se exceptuarmos o ponto de vista clássico de S. Kierkegaard, o trabalho meritório mas minado pela polémica do E. Drewermann dos anos setenta e oitenta, e alguma reflexão autónoma e menos empírica de H. Urs von Balthasar. Queremos aqui pensar brevemente este assunto, partindo da tese de que a teologia tem virtualidades de diálogo inexploradas com a psicologia para se aproximar, de forma terapêutica, da realidade da angústia humana.

1. Aproximação ao tema da “angústia”

Segundo E. Drewermann, a psicanálise descobre a angústia no fundo de todos os males da psique humana ¹. A partir de uma observação empírica, verifica diversos tipos de “perda do objecto”, perda em que consiste a angústia, com as suas formas interiorizadas de “angústia de pulsão” e “angústia de Super-ego”. O “eu” é perseguido pela angústia em todas as fases da vida, mas seria na infância que mais facilmente se reúnem condições que levam à vulnerabilidade à angústia.

A psicanálise tende a ver a origem da angústia exclusivamente em factores externos. Mas não é difícil de verificar, desde um ponto de vista humanista, a existência de factores endógenos, decorrentes da própria

¹ Cf. E. DREWERMANN, *Psicanalisi e teologia morale*, Brescia ³1996, 88.